

O Negro no Oscar 2017: uma análise sobre representatividade nos filmes Fences e Moonlight¹

Paulo Henrique Basilio SANTANA²

Rodrigo Siqueira RODRIGUES³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG

RESUMO

Este artigo tem por objetivo pesquisar como se dá a representação do negro no cinema hollywoodiano, bem como analisar a forma com que o negro vem sendo representado na premiação da Academy Awards, o Oscar. Investigar o empoderamento do negro no Oscar e se os papéis desempenhados por artistas nas produções audiovisuais correspondem à emancipação defendida pela luta dos negros. É importante também compreender a consequência desse prêmio na questão de representação da população negra. Dessa forma, a presente pesquisa será realizada de maneira bibliográfica e documental, abordando breve literatura sobre os movimentos negros, assim como, sobre seu histórico no audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade; Cultura Midiática; Luta dos Negros; Oscar.

INTRODUÇÃO

O racismo existiu de inúmeras maneiras ao longo da história e sob diversas circunstâncias. Fato curioso é imaginar a branquidão como sinônimo de orgulho, uma vez que nossa espécie, surgida há mais ou menos seis milhões de anos, era composta em sua totalidade por negros. A evolução humana se deu na medida em que foram desenvolvendo-se habilidades de linguagem que nos permitiram migrar da África para os continentes Asiático e Europeu. Os negros de pele muito escura que migravam para a região norte da Europa, ficavam menos expostos ao sol e, conseqüentemente, sintetizavam mal a vitamina D. Dessa forma, os negros de pele clara levavam uma vantagem evolutiva, fazendo assim, surgir a pele branca entre seis e doze mil anos atrás.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017, orientado pela Prof^a Dr^a Samantha Simões Braga (FCA/PUCMINAS);

² Estudante de Graduação 7^o. semestre do Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da FCA-PUCMINAS, email: paulobasilio28@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7^o. semestre do Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da FCA-PUCMINAS, email: rodrigo.siqueira3012@gmail.com

(VARELLA, 2014). Levando em consideração que a única diferença entre os brancos e negros é o fato do branco ter a melanina mais espalhada na pele, enquanto o negro a tem de forma mais concentrada, o que nos leva à discriminação racial?

Ainda que sejam semelhantes, brancos insistem em manter uma posição de superioridade em relação ao negro e, muito disso, vem da educação, da cultura e das crenças de cada um. (MUNANGA, 1988). “A existência de preconceitos não é natural. O homem não nasce com preconceitos, ele os aprende socialmente. Ao aprendê-los, é claro que seu comportamento está sendo influenciado” (RIBEIRO, 1998, pg. 12).

Pode-se perceber que o jeito como o racismo se instaura mudou com os anos. Se em séculos anteriores os negros não tinham sequer acesso ao estudo, no século XX, além de se instruir, eles reúnem-se para acabar com a segregação racial. Nesse ínterim, a mídia passa a exercer grande influencia podendo, inclusive, alterar a forma com que o negro é visto. Ainda assim, o negro conquista pouco espaço na esfera da mídia e arte - inclusive a cinematográfica - não lhes oferecendo oportunidades iguais as que tem o branco. Sendo um dos principais mecanismos de normatização e controle social, a mídia é um instrumento que interfere no comportamento humano e, dessa forma, poderia instruir a população visando estancar o racismo. No entanto, o campo da sétima arte, por exemplo, é uma das mídias que insiste em representá-los de maneira equivocada e preconceituosa, fortalecendo o perfil negativo associado aos negros. (KELLNER, 2001).

1 REPRESENTATIVIDADE E IDEOLOGIA MIDIÁTICA

Kellner (2001) afirma que a “cultura midiática consegue contribuir com elementos utilizados por indivíduos para desenvolverem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’.” (p. 9). O autor ainda discorre sobre a mídia também auxiliar na formação dos mais relevantes princípios: “define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” (KELLNER, 2001, p. 9).

O conteúdo audiovisual divulgado pela mídia é carregado de símbolos capazes de gerar sentidos, crenças, e aporte para construir um padrão cultural para grande parte

dos indivíduos em várias partes do mundo contemporâneo. (KELLNER, 2001). Segundo Thompson (1998), no momento em que o sujeito se identifica com as representações midiáticas, cria seu próprio *self*, resultado de todas suas experiências e de como ele percebe o mundo. O *self* do indivíduo advém, portanto, de “(...) um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhes são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade” (THOMPSON, 1998, p. 183).

Entende-se que cada sujeito construa a sua identidade através de experiências interativas, estabelecendo por vezes, uma relação íntima com o conteúdo midiático (THOMPSON, 1998), afinal, “as diversas formas de cultura veiculadas pela mídia induzem os indivíduos a identificar-se com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes” (KELLNER, 2001, p. 11). Dessa forma, além de ter o poder de construir opiniões, a cultura midiática pode se apresentar como um reflexo para a sociedade em que está inscrita, pois

(...) colabora na conformação de visões de mundo, de opiniões, de valores e comportamentos, ressaltando que sua contribuição se cruza com a subjetividade e a inscrição sociocultural dos sujeitos no processo de conformação. (FRANÇA, SIMÕES, 2008, p. 51-52).

Sendo as representações “entidades quase tangíveis”, equivalente aos elementos figurados que compõem ações, atravessam “palavras, gestos, encontros” e contaminam costumes e as relações sociais (FRANÇA, 2004, p. 2), o sujeito passa a se apropriar e incorporar elementos da cultura da mídia, que passa a oferecer modelos de identificação, padrões de comportamento e hierarquias de valores. (FRANÇA, SIMÕES, 2008). No entanto, as representações na mídia são sazonais, assim como, podem ser instáveis. Num determinado período do ano ela pode ser mais destacada, e assim ser acrescida de um certo poder de influência, bem como, pode ser passageira e simplesmente desaparecer. Os estereótipos, assim como o *self* são, muitas vezes, produtos dessas representações mais fortes. (FRANÇA, 2004; THOMPSON, 1998).

A igualdade racial, por exemplo, é uma dos assuntos que devem ser tratados com urgência na representatividade, objetivando a não manutenção da “ideologia do

branqueamento”, bem como, impedindo que o ideal euro-norte-americano prossiga em dominar as representações midiáticas. (CHAVES, 2008).

2 LUTA DOS NEGROS

Para falar de ideologia e cinema, negro e representação midiática, é importante retomar um pouco do que foi a história dos negros. No século XV, eram destratados, menosprezados e coagidos por europeus brancos que superiorizavam sua raça e os exploravam buscando o caminho mais fácil para conquistar riquezas. Eram descartadas quaisquer habilidades intelectuais do negro, tratando-o como um ser primitivo e alienado, conformado com os preconceitos criados contra si. (MUNANGA, 1988).

Os colonizadores de origem europeia e asiática tinham a função de dominar a política e economia, controlar a educação e o espírito dos colonizados. Mecanismos como a força bruta e a criação de estereótipos preconceituosos foram usados para controlar os escravos negros e manter o equilíbrio a favor dos brancos. (MUNANGA, 1988). Filósofos e pensadores iluministas traçavam clichês identitários para os negros, além de caracterizá-los como seres impossibilitados de desenvolvimento ou cultura, fortalecendo os ideais europeus de que haveria uma perfectibilidade humana na qual a negritude não se encaixava. (SODRÉ, 1999).

Durante os séculos seguintes, um negro era distinguido de um branco por diferenças como “a cor da pele, o cabelo, a forma do nariz e dos lábios, a forma da cabeça, etc” (MUNANGA, 1988, p. 9) que os descrevia de maneira geral. Considerava-se a branquidão como a adequada condição humana, enquanto defendiam a negritude como degeneração ou doença. (MUNANGA, 1988). Pessoas de cor branca eram tidas como a “alta” cultura, “enquanto a aspereza (a pobreza, os maus modos) seria negra ou mestiça” (SODRÉ, 1999, p. 155).

Segundo Munanga (1988), a ascensão social dos negros só passa a acontecer quando a inferioridade forjada por brancos é descoberta. E mesmo tão criticada na esfera pública, a presença do negro em ambientes artísticos torna-se uma caça frequente ao intelectualismo, com a finalidade de recuperar e defender suas origens através da negritude. (SODRÉ, 1999).

2.1 Movimento Negro: Brasil e Estados Unidos

A união de pessoas que defendessem os negros perpassa a Europa e tem seus marcos históricos no Brasil e Estados Unidos durante o século XX. Grupos movimentavam-se com o intuito de fortalecer a negritude como meio de controle e combate às diversas formas de discriminação racial e racismo instaurados por brancos, reforçando suas identidades através da obtenção e participação cultural. (KELLNER, 2001).

No Brasil, entre os anos de 1940 e 1950, a criação de jornais e a realização de eventos foram os instrumentos encontrados para a conquista de privilégios que promovessem a igualdade de direitos entre brancos e negros como o acesso à universidades, à cultura e ao mercado de trabalho, por exemplo. Organizações e seus respectivos líderes articulavam-se para possibilitar aos negros uma escalada cultural e econômica que lhes permitisse discutir e propor a discriminação racial como crime. Associações como a União Cultural dos Homens de Cor, o Renascença Clube do Rio de Janeiro, o Grupo de Afoxé Associação Recreativa Filhos de Gandhi, o Teatro Experimental do Negro (TEN), a União dos Homens de Cor (UHC), entre outros, foram criadas enfatizando a importância da alfabetização e formação dos negros para diluir o preconceito de cor e estimular uma capacitação em comum a dos brancos. (SILVA, 2003).

A União dos Homens de Cor (UHC), por exemplo, se espalhou por diversos Estados brasileiros desenvolvendo “(...) campanhas educacionais, cuja meta principal era a integração do negro na sociedade através da ascensão social e intelectual, a fim de permitir sua inclusão” (SILVA, 2003, p. 226). Voluntários se uniam a UHC para a construção de casas, melhorias na saúde, concessão de roupas e alimentação que possibilitassem a ascensão social do negro, unificando a luta igualitária, bem como defendiam as demais organizações envolvidas. (SILVA, 2003).

Enquanto no Brasil estavam acontecendo tais movimentos sociais, os Estados Unidos “vivenciam o auge da segregação racial entre os anos de 20 e 50 do século passado” (ARAÚJO, 2012). A população negra lutava pelo fortalecimento da

democracia e acesso à cultura de forma igualitária, articulando-se na criação de organizações que os protegessem, inclusive, do alto índice de negros americanos linchados na época. (RODRIGUES, 2010). Um desses movimentos foi o Renascimento do Harlem, conforme destaca Rodrigues (2010):

A consciência dos negros da situação em que viviam propiciou o surgimento de um forte movimento cultural, a chamada Renascença do Harlem. O nome deriva do bairro de Nova York, o Harlem, maior concentração de população negra em um centro urbano na época. Com esse movimento, expandiu-se significativamente a produção cultural. Os negros estavam no teatro, na música, na literatura e em todos os ramos da arte. Nova York tornou-se o centro cultural para a população negra, e sua cultura mais tarde se espalharia por todo o país [...] (RODRIGUES, 2010, p. 42).

Em meio às diversas manifestações por igualdade, surgem dois nomes que mobilizam-se em prol dos direitos civis da população negra nos Estados Unidos: Martin Luther King e Malcolm X. O primeiro, Martin Luther King, foi um importante ativista político que estimulava as conquistas do negro não pela agressão e sim pela fé. Por propagar a integração pacífica entre negros e brancos, Luther King conquistou mais simpatizantes negros na sociedade americana do que Malcolm X. (RODRIGUES, 2010).

Dono de pensamentos radicais e extremistas, Malcolm X foi outra personalidade que vivenciou o preconceito racial desde cedo na escola, quando em certa ocasião, respondeu a um de seus professores que desejava ser advogado quando crescesse e foi surpreendido com o desmerecimento da escolha por ser negro. Quando se transformou em um dos maiores defensores do nacionalismo negro nos Estados Unidos, Malcolm expressou opiniões polêmicas, como quando discursou sobre a violência sofrida por negros, defendendo o seguinte pensamento: “Não façam a ninguém nada que não queiram que façam a vocês. Procurem a paz e jamais sejam o agressor... mas se alguém os atacar, não lhes ensinemos a oferecerem a outra face.” (AMX citado por RODRIGUES, 2010, p. 88). Mesmo trilhando caminhos diferentes, os dois líderes tinham objetivos e um rival em comum. (KELLNER, 2001).

Após o assassinato de Luther King e Malcolm X na década de 1960, as lutas pelo fim da segregação racial ficam mais intensas, emergindo em ruas americanas a partir da década de 1970. Ao mesmo tempo, surgiam na indústria cinematográfica nomes como Gordon Park, L. Melvin Van Peebles, e outros tantos cineastas negros que passavam a usar o campo midiático como meio de se defender da perseguição racial, produzindo e veiculando suas produções - mesmo que em um primeiro momento - apenas para o público negro. (ARAÚJO, 2012).

3 REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA MÍDIA

A luta que se estabelece, inclusive, nas questões de identidade é fomentada no campo da mídia, pois a falta de representação midiática é também uma violência. Essa violência advém por duas imposições: “a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.” (SOUZA, 1990, p. 2). A coação racista por parte da sociedade para com os negros impõe-se primordialmente com uma finalidade: a perversa disposição em anular a identidade do sujeito negro. (SOUZA, 1990).

A discriminação de que seu corpo é objeto, não dá tréguas à humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de ‘inferior’. (SOUZA, 1990, p. 7)

Em busca de representatividade, chega o momento que o movimento negro exige a igualdade diante da sociedade por meio das representações no âmbito cultural e midiático. No entanto, ele é mal recebido, é apontado como um problema a ser resolvido, evidenciando um racismo nessa recepção. (SOUZA, 1990).

Assumindo a luta contra a discriminação nos meios de comunicação, o negro vem construindo certa inserção que, em contrapartida, ainda apresenta um percentual menor de negros do que brancos na mídia, inclusive, no que se refere às grades de programação televisivas, aos anúncios e ao cinema. Considerando-se que os negros contemplam mais do que a metade da população, essa desproporção se intensifica. (CHAVES, 2008).

A mídia absorve, reelabora e transmite o imaginário coletivo nas representações sociais. Como fica o negro na mídia? Não muito diferente da sua realidade social. É verdade que a realidade está se modificando, o problema é que essa mudança é muito lenta. Enquanto isso os afro-brasileiros que estão à margem da sociedade desde a abolição da escravatura (e durante a escravidão), agora continuam marginalizados nas favelas, com acesso precário ao estudo e emprego e também sem ser representados na sociedade (cargos políticos) e na mídia (jornalistas, atores e personagens que realmente identifiquem os afro-brasileiros). (LAHNI, 2007 p. 83).

De certa forma, as reivindicações do movimento negro estão sendo atendidas, a representatividade está acontecendo. Porém, a questão é: como essa representação ocorre? É interessante responder o questionamento a partir de uma linha do tempo. No fim do século XIX existia uma atuação muito comum na mídia, o blackface consistia numa prática teatral, na qual uma personagem afrodescendente era interpretada por pessoas “fantasiadas” de negro (pele pintada de preto com carvão, peruca de cabelo crespo, entre outros), funcionando como “uma espécie de glamourização do racismo, gerando a exclusão de atores e atrizes negras, bem como a perpetuação do preconceito”. (COSTA, HENRIQUES, 2016, p. 5 - 6). Graças ao movimento negro americano essa prática teve fim em 1960. (MAHAR, 1999).

Por volta dos anos de 1980, negros, mestiços e pardos eram apresentados em atividades desmerecidas, tais como escravos, serviçais e trabalhadores braçais de tipos diversificados. Mesmo com essas características, essas personagens apareciam de maneira secundária de forma a complementar a cena, quase nunca como consumidores direto de algo. Um bom exemplo é a empregada negra que utiliza a farinha comprada pela patroa para fazer algum alimento. (CHAVES, 2008).

O negro passa a ser caracterizado no cinema de maneira estereotipada através de personagens cômicos interpretados por atores famosos como Eddie Murphy e Richard Pryor. Hollywood começa a repensar suas produções ao perceber a quantidade de pessoas negras que iam para o cinema assistir filmes com atores que, de certa forma, lhes representassem em cor. Em 1988, com o filme “Faça a coisa certa”, é que o cineasta negro Spike Lee promove mudanças significativas nas produções Hollywoodianas. (KELLNER, 2001).

Lee propõe-se fazer um filme sobre a experiência urbana dos negros a partir de uma perspectiva negra, e seu filme transcodifica discursos, estilos e convenções dessa cultura, com ênfase no nacionalismo negro, que afirma a especificidade da experiência negra e suas diferenças culturais em relação a cultura branca predominante. Lee apresenta como os negros falam, andam, se vestem e agem, com base na gíria, na música, na imagem e no estilo deles. (KELLNER, 2001, p. 206).

Esse longa é uma produção repleta de referências às ideologias raciais defendidas por Malcolm X e Martin Luther King. Na época do lançamento, o filme teve grande impacto no público negro que passava a se apropriar de elementos da narrativa cinematográfica como aspectos comportamentais, tendências de moda, assumindo identidades culturais a partir de como tudo era encarnado na produção. (KELLNER, 2001).

Os tempos foram passando, as reivindicações foram aumentando e infelizmente a representação midiática não se alterou muito. No Brasil, existe um grande crescimento da população negra, mas mesmo assim a má representatividade persiste em acontecer. Não se pode negar uma melhora, no entanto são raros os momentos em que o negro é bem apresentado e empoderado na mídia. Inclusive em alguns anúncios, lugar de bastante aparição negra, é mostrado como alguns produtos de beleza conseguem sanar os males do corpo negro, mas isto está longe de ser uma representatividade idealizada e defendida pelo movimento negro. (CHAVES, 2008).

4 NEGROS NO OSCAR

A premiação Academy Awards, também conhecida como Oscar, é um dos eventos que promoveu em 2017 uma presença maior de atores negros concorrendo as mais diversas categorias. A cerimônia que começou a ser realizada no ano de 1929 em Hollywood, acontece e é transmitida anualmente, em meados do primeiro trimestre do ano e fundamenta-se na escolha dos melhores filmes, atores, roteiristas, entre outros que totalizam atualmente 24 estatuetas. Calcula-se que aproximadamente 5.800 jurados de variadas nacionalidades e especialidades opinam na indicação dos melhores do ano anterior no campo da sétima arte. (OSCAR, 2012).

Com a proposta de alavancar a indústria cinematográfica e fomentar o crescimento de grandes estúdios no cinema, a premiação sofreu alguns ajustes nas regras e formas de premiação com o passar do tempo, afinal, surgiram novas especializações e especificidades na criação dos filmes, acompanhado com o advento de novos departamentos. (BONA, DI SCIPIO, FERRARI, 2013).

Além de ser uma premiação altamente lucrativa, o Oscar atrai atenção tanto de cinéfilos quanto de meros espectadores. Em 2012, por exemplo, estima-se que mais de 39 milhões de telespectadores tenham assistido a premiação. (BONA, DI SCIPIO, FERRARI, 2013). Justamente por conta de toda essa visibilidade, o evento foi alvo de críticas nos anos de 2015 e 2016 pela ausência de atores negros indicados a uma categoria sequer. Milhares de pessoas se mobilizaram através de redes sociais criticando a Academia que, visando corrigir o erro dos dois anos anteriores, teve em 2017, negros indicados em todas as categorias pela primeira vez na história. (JADE, 2017). Dessa forma, é válido analisar o perfil dos personagens interpretados por atores negros de algumas das produções vitoriosas no Oscar do ano de 2017 e se a forma como estão sendo representados nas produções audiovisuais condizem com a realidade do negro e contribuem para uma inserção dele na sociedade.

5 A REPRESENTATIVIDADE DOS NEGROS NOS FILMES FENCES E MOONLIGHT

Serão objetos empíricos desta pesquisa os filmes “Fences”, traduzido no Brasil para “Um limite entre nós” e “Moonlight: sob a luz do luar”, os dois produzidos em 2016. A escolha se dá pelo fato de ambas produções terem sido protagonizadas por negros e recebido prêmios importantes na 89ª edição do Oscar em 2017 como o de melhor atriz coadjuvante para Viola Davis e melhor filme, respectivamente. (OSCAR, 2017).

Fences é um longa metragem de drama canadense-estadunidense dirigido por Denzel Washington e escrito por August Wilson, baseado na peça de teatro homônima de 1983. No filme é contado a história de Troy (Denzel Washington), um coletor de lixo, ex-presidiário e ex-jogador de beisebol, na cidade de Pittsburgh nos anos 1950. Ele

tentou entrar na liga principal de beisebol, no entanto, a liga era restrita aos brancos. O conflito da trama se instala quando o filho caçula de Troy é convidado para fazer um teste para um time de futebol americano e é proibido pelo pai, porém, sua mãe, Rose (Viola Davis), é contra a decisão. Outro ponto importante da obra é uma traição que abala toda a família. (CALIL, 2017)

É possível verificar uma representação um tanto quanto pejorativa dos negros em *Fences*, representação essa que é um dos alvos da luta dos negros. Em pleno século XXI a representação do negro continua deixando a desejar. No longa não foi mostrado nenhum negro numa posição de poder, muito pelo contrário, aquele estereótipo de serviços braçais persiste em aparecer. Mesmo o filme se passando na década de 1950 esse tipo de representação não é justificável, já que em produções como *Hidden Figures* (2016), que se passa no auge da segregação nos EUA, exibe um certo empoderamento por parte de mulheres negras.

O “chefe de família” mal assalariado, a dona de casa subserviente e sem voz ativa são representações desgastadas que não atendem à luta dos negros. Em especial à personagem de Viola Davis, ganhadora da categoria de melhor atriz coadjuvante, conhecida pelos seus papéis arrojados e grande responsável por novas maneiras de representar a população negra, interpreta uma personagem que não traz nenhuma quebra de estigma, grosso modo, contribui para que ele se mantenha na sociedade. O longa é protagonizado por negros, aponta o racismo sofrido por essas pessoas, e as sequelas oriundas desta violência. E mesmo assim ele falha nas representações dos negros.

Já *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), retrata a história de Chiron, um garoto negro, pobre e homossexual apelidado de Little na infância, conhecido na adolescência pelo seu nome verdadeiro e quando adulto designado como Black, sendo em cada uma das fases interpretado respectivamente por Alex Hibbert, Ashton Sanders e Travante Rhodes. Na produção, tanto o nome quanto a personalidade expressam uma mudança de ciclo na vida do personagem principal. O longa, ganhador da estatueta de Melhor filme em 2017, traz consigo a arte do realismo social, explorando a dificultosa trajetória de Chiron em lidar com o preconceito racial, além dos problemas relacionados às drogas e a sua sexualidade. (BOSCOV, 2017).

Assim como *Fences*, *Moonlight* revela uma história totalmente formada por personagens negros retratados como pessoas pobres, violentas, envolvidas com drogas e desqualificadas profissionalmente. Mahershala Ali, ganhador do Oscar de Melhor Ator Coadjuvante interpreta Juan no filme, um traficante. Já Chiron é um garoto que sofre na infância e adolescência com as chacotas e agressões de colegas negros na escola por ser um negro homossexual. Sua mãe, Paula (Naomi Harris), é uma problemática usuária de drogas ilícitas. E Kevin (Jaden Piner/Jharrel Jerome/André Holland), o amigo de infância e adolescência de Chiron, após ser preso quando adulto, não consegue um emprego melhor do que o de cozinheiro. Retratos como os dos personagens de *Moonlight*, reforçam a forma como o negro é visto e representado em produções cinematográficas. Não se observam entre os filmes vencedores, personagens negros empoderados ou ricos sem que para isso tenham alguma ligação com coisas erradas e inadequadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos pontos analisados, verificamos que o negro foi contemplado e reconhecido pelo seu trabalho, porém ainda continua não sendo bem representado nessas produções cinematográficas. Funções de trabalho braçais, pessoas pobres e marginalizadas, são características que persistem em acontecer. É arriscado afirmar que esse tipo de encenação é reflexo de um racismo, mas é fato a desigualdade de oportunidade que essa parcela da população enfrenta. Nessa disparidade é onde habita o racismo e o preconceito. Dessa forma, as representações fomentam e reforçam esse racismo.

A mídia pode ser usada como uma força contra o discriminação racial, já que a própria atriz Viola Davis é conhecida por interpretar personagens negras empoderadas. No entanto, em cena na sétima arte, seu papel não consegue uma representação dotada de tal força. A cultura da mídia pode fomentar a discussão sobre o racismo no momento que ela confronta estereótipos e estigmas, assim como, ela pode enfraquecer essa violência utilizando de representações positivas. (KELLNER, 2001)

A representatividade da população negra na mídia é uma temática que precisa estar em constante debate, afinal “(...) uma sociedade que se recusa a falar sobre racismo, e que não consegue relacionar a condição social do negro na atualidade com os traumas da escravidão, está condenada a seguir praticando o racismo em todos os níveis.” (COSTA, HENRIQUES, 2016, p. 14).

Neste artigo é constatado que a premiação do Oscar de 2017 contou com vários negros como indicados e alguns como vencedores. No entanto, é possível considerar que o espaço do negro ainda é pequeno, uma vez que o papel desses personagens não são eficientes no que se refere a uma representação empoderada de negros e negras na sociedade contemporânea. Os negros premiados por esse tipo de filme não estão ajudando a mudar o *status quo* do negro, pelo contrário, promovem uma manutenção da imagem. A ideologia passada através da mídia é subjacente, ela acontece de uma forma muito subliminar e sutil. Sem consentimento e percepção, a sociedade vai ratificando os mesmos comportamentos que a indústria cultural segue ditando. (KELLNER, 2001) Afinal isso está a serviço de um capitalismo que deseja e precisa ter uma classe pobre, marginalizada, operária a qual é constituída em maioria por negros. Então, é adotado a prática de representar os negros, porém ela é feita de maneira errada, pois assim se dá a constante consolidação desse *status quo*.

Espera-se com este artigo que a discussão sobre o racismo seja fomentada juntamente à representatividade negra, objetivando na contribuição para a exploração e expansão do tema na área de comunicação social. Afinal, é de extrema importância a realização de mais pesquisas que suscitem essa temática e persistam em levar o debate adiante, agregando o diálogo dessa problemática dentro do cinema, da mídia e da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Joel Zito. **Os 25 anos de ‘Faça a Coisa Certa’ de Spike Lee**. 2014. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/os-25-anos-de-faca-coisa-certa-de-spike-lee-13072495>>. Acesso em 26 de março de 2017.

BONA, Rafael José; OLIVEIRA E SILVA, Roberta Del-Vechio de. **Um Oscar para o Brasil: Discussões para a Construção de uma Publicidade forte do Cinema Nacional**. 2005. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/Errata2006/Um%20Oscar%20para%20o%20Brasil.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2017.

BONA, Rafael José. DI SCIPIO, Shaienne da Costa. FERRARI, Louise. **Comunicação e Cinema: Características das Personagens Vencedoras do Oscar de Melhor Atriz (2002 a 2012)**. 2013. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R_35-0172-1.pdf> Acesso em 21 de março de 2017.

BOSCOV, Isabel. “Oscar 2017: Moonlight – Sob a Luz do Luar” *Veja*. 2017 Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/isabela-boscov/moonlight-sob-a-luz-do-luar/>> Acesso em 21 de março de 2017.

CALIL, Ricardo. “Um limite entre nós entrelaça bem drama doméstico e racial” Folha de S. Paulo. 2017 Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/03/1862765-um-limite-entre-nos-entrelaca-bem-drama-domestico-e-racial.shtml>> Acesso em 21 de março de 2017.

CHAVES, Maria Laura Barbosa. **O Negro na Mídia Brasileira**. 2008. Disponível em <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1951/2/20427316.pdf>> Acesso em 19 de março de 2017.

COSTA, Gabriela Vasconcelos Soares. HENRIQUES, Rafael da Silva Paes. **O Lugar da População Negra no Telejornalismo Capixaba**. 2016 Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2291-1.pdf>> Acesso em 19 de março de 2017.

FERRARI, Louise; DI SCIPIO, Shaienne da Costa; BONA, Rafael José. **Comunicação e Cinema: Características das Personagens Vencedoras do Oscar de Melhor Atriz (2002 a 2012)**. 2013. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35_0172-1.pdf> Acesso em 13 de março de 2017.

FRANÇA, Vera. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V.F.. (Org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. 1ed. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC-Rio; Editora Idéias&Letras, 2004, v. 1.

GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed.USP, 2007.

JADE, Líria. **Oscar 2017 tem seis indicações para atores negros**. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-01/oscar-2017-tem-seis-indicacoes-para-atores-negros>>. Acesso em 06 de abril de 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**, Bauru, SP, EDUSC, 2001.

LAHNI, Cláudia Regina. Rev. Cient. Cent. Univ. Barra Mansa - UBM, Barra Mansa, v. 9, n. 17, Julho, 2007.

MAHAR, William. **Behind the Burnt Cork Mask: Early Blackface Minstrelsy and Antebellum American Popular Culture**. University of Illinois Press: 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: uso e sentidos**. Ática, 1988.

NASCIMENTO, Maria Elisa do. **Estratégia da desigualdade:** o movimento negro de 1970.

OSCAR. Disponível em: www.oscar.com. Acessado em: 19 de abril de 2017.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política: Quem Manda, Por que Manda, Como Manda.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

RODRIGUES, Vladimir Miguel. **Malcolm X:** entre o texto escrito e o visual. 2010. Disponível em
<http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/99127/rodrigues_vm_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 04 de abril de 2017.

SILVA, Josenilda. **A união dos homens de cor:** aspectos do movimento negro anos 40 e 50. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n2/a02v25n2.pdf>>. Acesso em 13 de março de 2017.

SIMÕES, Paula Guimarães. FRANÇA, Vera. **Telenovelas, telespectadores e representações do amor.** Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/gris/images/Telenovelas%20Paula.pdf>> Acesso em 21 de março de 2017.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros:** Identidade, povo e mídia no Brasil. 2.ed.. Petrópolis:Vozes, 1999.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2.ed. Edições Graal, 1990.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ. 5ª ed. Vozes, 1998.

VARELLA, Dráuzio. **Racismo.** 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=SgMc4vko6sc>> Acesso em 07 de abril de 2017.